

EDUCAÇÃO POPULAR E RENOVAÇÃO EDUCACIONAL EM PORTUGAL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: O PIONEIRISMO DA ESCOLA OFICINA N.º 1 DE LISBOA, NA ÓTICA DE ADOLFO LIMA

Luiz Carlos Barreira – UNISO

Introdução

Não são poucos os artigos de intelectuais portugueses, publicados em inúmeras revistas de educação e ensino que circularam em Portugal no início do século XX, que evidenciam uma clara associação do movimento de renovação educacional que se irradiava por toda a Europa desde o final da segunda década do século XX, aos horrores da Primeira Guerra mundial. Alguns desses artigos evidenciam, entretanto, uma firme determinação de comprovação (manifesta sobretudo por Adolfo Lima¹) de que aquele movimento já se fazia sentir em Portugal antes mesmo de proclamada a república naquele país (ocorrida em 05 de Outubro de 1911), podendo ser detectado nas práticas (discursivas e escolares) de republicanos portugueses das mais diferentes colorações ideológicas, tais como: liberais, maçons, socialistas e libertários, por exemplo.

A luta contra o “velho” exigia, por assim dizer, a união de todos em torno de um mesmo objetivo, qual seja, a destruição de um inimigo comum: a monarquia e tudo aquilo que a ela estivesse ligado. Entretanto, cada grupo concebia o “novo” de uma determinada maneira e, conseqüentemente, as estratégias que propunham para a consecução dos objetivos que postulavam nem sempre coincidiam, com exceção, talvez, de uma delas: o papel relevante que atribuíam à educação, em particular à educação escolar, no processo de construção da “nova” sociedade.

Antes mesmo de proclamada a república portuguesa, alguns desses grupos começaram a ensaiar certas mudanças no campo educacional, com o objetivo de formar o “homem novo” português. A Escola Oficina N.º 1, de Lisboa, teria sido palco de algumas delas. Criada e mantida pela maçonaria republicana portuguesa, essa escola esteve inicialmente voltada para a formação técnico-profissional da infância operária, oferecendo

¹ Renomado escolanovista português e um dos maiores difusores, além de praticante, das idéias libertárias no campo da educação e do ensino em Portugal. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, foi diretor pedagógico e professor de Sociologia na Escola Oficina N.º 1 de Lisboa e, posteriormente, diretor e professor na Escola Normal Primária de Lisboa. Foi, ainda, um dos principais mentores de um modelo pedagógico alternativo ao liberal, que orientou as práticas cotidianas de diretores, professores, alunos e funcionários de uma escola, a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa. Essa escola pertencia à Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, uma organização maçônica e republicana, que, em 1913, passou a se chamar Sociedade Promotora de Escolas (Cf. CANDEIAS, 1994).

cursos de marcenaria. Posteriormente (1906-07), com a chegada de Adolfo Lima e outros professores anarco-sindicalistas a essa escola, muitos deles imbuídos do ideário de renovação educacional que então começava a se esboçar na Europa, uma outra forma de educar começou a ser nela experimentada (Cf. CANDEIAS, 1994).

Teria, essa escola, contribuído para a construção de um modelo pedagógico alternativo ao liberal, como afirma António Candeias em sua tese de doutoramento, intitulada *Educar de outra forma: a Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930?* Quando Adolfo Lima discorre sobre os 30 traços caracterizadores de uma escola nova (de acordo com as formulações de Adolfo Ferrière), declarando quais deles teriam orientado as práticas dos educadores da Escola Oficina, chega à conclusão de que menos da metade desses traços estava presente nas práticas pedagógicas daquela escola. E quanto aos demais traços? Se a Escola Oficina estava a menos de meio caminho de uma típica escola nova, o quão distante (ou próxima) ela ainda estava das práticas escolares tradicionais? E o que dizer, então, da presença (ou ausência) dos ideais libertários nas práticas pedagógicas dessa escola? Nesta comunicação, discorreremos sobre algumas dessas questões, destacando o que, segundo Adolfo Lima, aproximava a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa de uma escola nova.

Traços característicos da Escola Nova, detectados por Adolfo Lima nas práticas escolares da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa

Em artigo publicado na revista *Educação Social*, Adolfo LIMA (1924) afirma a existência, na Europa, de algumas vozes, ainda que poucas e isoladas, que clamavam por uma nova Pedagogia, antes mesmo da eclosão da grande guerra (1914). Mas, segundo ele, somente quando terminada a guerra, outras inúmeras vozes somaram-se às primeiras. Dentre elas, destaca a iniciativa da Suíça, que criou a Escola das Ciências da Educação e o Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, o qual pode contar, desde o início de sua criação, com um órgão próprio de propaganda, o *L'Intermediaire des Educateurs*, que, pouco tempo depois, passou a ser denominado de *L'Educateur*.

Na introdução desse artigo, são apresentados os princípios que regiam as escolas novas no que diz respeito aos seus programas “mínimo” e “máximo”. Este último contemplava 30 traços, referentes “à organização em geral, à vida fisiológica, à educação intelectual, à organização do trabalho, à educação social e à educação estética e moral” em uma escola nova (p. 277). Nessa apresentação, todas as vezes que ele detecta a ocorrência de um traço caracterizador de escolanovismo nas práticas pedagógicas da Escola Oficina

Nº 1 de Lisboa, registra-a e tece breves comentários. Os traços que detectou foram os seguintes:

As escolas novas são (ou deveriam ser) autênticos laboratórios de Pedagogia prática (1º traço), acompanhando de perto os conhecimentos produzidos no âmbito da Psicologia moderna, sem perder de vista as necessidades da vida moderna, seja no seu aspecto mental, seja no seu aspecto material (p. 277). Em geral, as escolas novas editam suas próprias revistas, boletins ou anais, onde publicam os resultados das suas atividades, das suas experiências. Adolfo Lima registra que a Escola Oficina desempenhou essa função, divulgando o seu trabalho em sua própria revista, a revista *Educação*, editada no ano de 1913, e, posteriormente, em seu próprio boletim, o *Boletim da Escola Oficina Nº. 1 de Lisboa*, editado no ano de 1918 (p. 278).

A co-educação dos sexos (5º traço) era praticada com bons resultados pelas escolas novas, estivessem elas organizadas em regime de internato ou de externato, como a Escola Oficina de Lisboa. Na avaliação de Adolfo Lima, “as anomalias de ordem psico-sexual, tão desastrosas para a evolução moral dos adolescentes”, eram quase inexistentes nas boas escolas co-educativas (p. 278).

Os trabalhos manuais (6º traço), a carpintaria (7º traço) e os trabalhos livres (8º traço) também foram observados pelos educadores da Escola Oficina de Lisboa. Nas escolas novas, os trabalhos manuais eram realizados diariamente por volta das 14h, e tinham uma duração mínima de uma hora e meia. Esses trabalhos eram obrigatórios e proclamavam fins educativos, de utilidade individual ou coletiva, e não meramente profissionais (p. 278). Em 1906, com a chegada de Adolfo Lima à Escola Oficina, esse regime passou a ser adotado naquela escola. Dentre os trabalhos manuais recomendáveis, a carpintaria deveria ocupar o primeiro lugar, por “desenvolver a habilidade e a firmeza manual, o sentido da observação exata, a sinceridade e a posse de si” (p. 279). Na Escola Oficina, a oficina de carpintaria era freqüentada por todos alunos de ambos os sexos (p. 279). Ao lado dos trabalhos manuais obrigatórios, uma escola nova também deveria oferecer trabalhos livres que desenvolvessem o gosto da criança, que despertassem as suas qualidades inventivas e o seu engenho. Na Escola Oficina, ao aluno era facultado ter trabalhos próprios e freqüentar, em certas horas do dia, as aulas que mais lhe apeteassem (p. 279).

Em uma escola nova, a cultura geral deveria ser desdobrada em especializações (12º traço). De início, espontâneas, as especializações deveriam observar as apetências preponderantes em cada criança. Depois, deveriam ser sistematizadas de maneira a poder

desenvolver os interesses e atividades do adolescente no sentido profissional propriamente dito. Segundo Adolfo Lima, a Escola Oficina seguia exatamente essa mesma orientação. Nela, vários trabalhos iniciavam os adolescentes nas diversas profissões (p. 279).

Fatos e experiências (13º traço) deveriam embasar o ensino em uma escola nova. O processo de aquisição dos conhecimentos, pela criança, deveria resultar de suas observações pessoais (visitas a museus, fábricas etc.), mas também de observações de terceiros, recolhidas em livros, por exemplo. Em todos os casos, entretanto, a teoria deveria sempre seguir a prática, jamais precedê-la (p. 280). Tais procedimentos também eram observados na Escola Oficina de Lisboa. O ensino deveria ser baseado, portanto, na atividade pessoal (14º traço) da criança e do adolescente. Tal fato supunha “a mais estreita associação possível entre o estudo intelectual, o desenho e os mais diversos trabalhos manuais” (p. 280). Nos planos de estudos da Escola Oficina essa mesma orientação pode ser verificada.

Um ensino pautado pelos princípios da escola nova deveria necessariamente considerar os interesses espontâneos (15º traço) da criança. Esses interesses “espontâneos” seriam os seguintes:

Dos 4 aos 6 anos – idade dos interesses disseminados ou do jogo.

Dos 7 aos 9 anos – idade dos interesses ligados aos objetos concretos imediatos.

Dos 10 aos 12 anos – idade dos interesses especializados concretos, ou idade das monografias.

Dos 13 aos 15 anos – idade dos interesses abstratos empíricos.

Dos 16 aos 18 anos – idade dos interesses abstratos complexos: psicológicos, sociais, filosóficos (p. 280).

Os acontecimentos atuais, de uma forma geral, fossem eles relacionados à escola ou ao seu entorno, deveriam ensejar discussões e lições ocasionais. Essas atividades deveriam ocupar lugar de destaque em uma escola nova. Na Escola Oficina, os alunos discutiam os acontecimentos escolares ou sociais que mais os interessavam e eram instigados a procurar soluções para os mais variados problemas sociais, respeitados, evidentemente, a mentalidade e o adiantamento de cada criança (p. 280).

A educação moral e a intelectual deveriam ser praticadas, não por uma autoridade imposta à criança e ao adolescente, mas pela experiência e pela prática gradual do senso crítico e da liberdade de cada um. Orientadas por esse princípio, algumas escolas novas adotaram o sistema de república escolar (21º traço). De acordo com esse sistema, a direção efetiva da escola caberia a uma assembléia geral, constituída pelo diretor, professores, alunos e, às vezes, também por funcionários. A elaboração de leis reguladoras do trabalho da comunidade seria de responsabilidade dessa assembléia. Esse sistema, altamente

educativo, segundo Adolfo Lima, impunha “uma influência moral preponderante do diretor sobre os *meneurs* naturais da pequena república”, para que pudesse ser aplicado com relativo sucesso (p. 281). Em Portugal, esse sistema era realizado por associações escolares denominadas *Solidárias*, uma inovação da Escola Oficina de Lisboa (p. 281).

As recompensas e sanções positivas (24º traço) consistem em atividades que objetivam criar espaços para que os educandos de uma escola nova possam periodicamente expor os resultados dos trabalhos livres que realizam regularmente e, ainda, participar de concursos de trabalhos manuais, científicos ou literários. Uma escola verdadeiramente nova deveria promover, portanto, exposições escolares com caráter pedagógico, isto é, exposições que não objetivassem a mera exibição ou propaganda dos trabalhos expostos, mas que criassem ocasiões “aos espíritos criadores de aumentar o seu poder de criação” (p. 281). Em Portugal, a Escola Oficina teria sido a única a promover exposições pedagógicas.

A importância da música coletiva (28º traço), do canto, da orquestra, é destaque nas práticas pedagógicas de uma escola nova, por exercerem forte influência sobre as crianças, sobretudo no que diz respeito à criação de laços de solidariedade entre elas (p. 282). Na Escola Oficina, havia o teatro escolar e as festas cívicas. Trata-se, aqui, da postulação de uma educação, não dos sentidos, mas pelos sentidos. De acordo com essa orientação, os trabalhos manuais, o desenho, assim como a literatura (o romance, em particular), o teatro e o cinema, deveriam ser valorizados como práticas educativas necessárias à formação integral do ser social.

Para Adolfo Lima, estes foram, em síntese, os princípios (ou traços) que fizeram da Escola Oficina Nº. 1 de Lisboa uma “autêntica” escola nova: 1) ter sido uma espécie de laboratório de Pedagogia prática (que editava e publicava revistas de divulgação); 2) ter adotado a co-educação dos sexos (com vistas a uma evolução moral saudável de ambos os sexos); 3) ter desenvolvido trabalhos manuais (que apresentavam fins educativos, de utilidade individual ou coletiva); 4) ter mantido uma oficina de carpintaria (que propiciava o sentido da observação exata); 5) ter possibilitado a realização de trabalhos livres (que despertavam as qualidades inventivas nas crianças e nos adolescentes); 6) ter oferecido especializações (que iniciavam o adolescente nas diversas profissões); 7) ter embasado o ensino em fatos e experiências (promovendo visitas a museus, fábricas etc.); 8) ter valorizado a atividade pessoal da criança (ênfatisando o primado da prática sobre a teoria); 9) ter levado em consideração os interesses espontâneos da criança (respeitando sua mentalidade e seu adiantamento); 10) ter adotado o sistema de república escolar (promotor de sentimento de solidariedade); 11) ter optado por recompensas e sanções positivas

(provendo exposições pedagógicas); 12) ter incentivado o teatro escolar e as festas cívicas (valorizando, assim, a educação pelos sentidos).

Traços característicos da Escola Nova, cuja presença não foi apontada por Adolfo Lima nas práticas escolares da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa

Conhecidos os princípios escolanovistas que orientaram as práticas pedagógicas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, cumpre agora conhecer aqueles princípios – também eles escolanovistas – que, segundo o silêncio de Adolfo LIMA (1924), teriam passado ao largo dessa escola.

Uma escola nova deveria funcionar, em tese, em regime de internato (2º traço). “Somente a influência total do meio em que a criança se move e cresce permitiria realizar uma educação plenamente eficaz” (p. 278). Entretanto, a influência natural da família, desde que sã, era preferível a qualquer sistema de internato.

Preferencialmente, deveria estar situada no campo (3º traço), por ser este “o meio natural da criança”. A influência da natureza e a possibilidade de realização de passatempos e trabalhos tipicamente rurais atuariam como auxiliares da cultura física e da educação moral da criança. Mas, a proximidade de uma cidade era desejável, dada a importância atribuída às atividades intelectuais e artísticas tipicamente urbanas no processo de educação integral da criança (p. 278). Segundo Adolfo Lima, este traço caracterizador de uma escola nova, embora ausente da história da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, teria sido preconizado, em Portugal, por José de Magalhães. Nos idos de 1910, Magalhães teria publicado o livro *O problema educativo nacional*, no qual apresentava a tese da escola granja, definindo-a como uma das principais características de uma escola nova (p. 278).

Quando organizada em regime de internato, os alunos seriam agrupados por casas separadas (4º traço), cada uma reunindo de dez a quinze alunos. Esses alunos deveriam viver sob a direção material e moral de um educador, secundado por sua mulher, ou por uma colaboradora. A presença e a influência feminina adultas eram tidas como importantes, assim como a atmosfera familiar. Para tanto, após alguns meses de residência, os alunos deveriam escolher o seu “chefe de família”, valendo-se de critérios de natureza afetiva (p. 278).

A cultura do corpo (9º traço) constitui traço distintivo de uma escola nova e seria “assegurada pela ginástica natural feita ao ar livre, com o corpo nu, ou, pelo menos, o torso, assim como pelos jogos e desportos” (p. 279). Prática ausente na Escola Oficina de

Lisboa, pelo menos no que diz respeito à nudez do corpo ou do torso, tal como definida pelo Bureau International des Écoles Nouvelles².

Viagens e acampamentos (10º traço) são outras atividades físicas consideradas importantes, porque auxiliares dos estudos realizados em uma típica escola nova (p. 279).

O modo como a educação intelectual deveria ser conduzida constitui outro traço distintivo de uma escola nova. O conjunto de atividades intelectuais trabalhadas na escola deveria “abrir o espírito [da criança] por uma cultura geral do juízo [11º traço], de preferência a uma acumulação de conhecimentos memorizados” (p. 279; grifos meus). De acordo com Adolfo Lima, o espírito crítico seria a resultante de um ensino pautado pela aplicação do método científico (observação, hipótese, verificação, lei) e não de um ensino marcadamente enciclopédico (p. 279). A especialização (12º traço), detectada por Adolfo Lima nas práticas da Escola Oficina, seria uma espécie de “desdobramento natural” dessa cultura geral³.

Em uma escola nova, o trabalho individual (16º traço) do aluno consistiria “numa investigação (nos fatos, nos livros, nos jornais, etc.) e numa classificação (conforme um quadro lógico adaptado à sua idade) de documentos de todas as espécies, assim como em trabalhos pessoais e preparações, conferências a fazer na classe” (p. 280). O trabalho coletivo (17º traço), por sua vez, consistiria “numa troca e ordenação ou elaboração lógica em comum dos documentos particulares. Os resultados deveriam ser consignados num volumoso caderno ou classificador, ricamente ilustrado, objeto de altivez do aluno, e que substitui para ele todos os manuais escolares” (p. 280). O ensino propriamente dito estaria circunscrito ao período da manhã (18º traço). As horas da tarde seriam reservadas ao estudo pessoal, pois a “aprendizagem sistemática de trabalho autônomo” deveria ser tomada como um dos principais fins da escola nova. Dado que “a variedade nasce, não dos assuntos tratados, mas da maneira de tratá-los” (p. 280), estudavam-se poucos “ramos” (ou assuntos) por dia (19º traço), mês ou trimestre (20º traço).

² Fundado em 1889, para “estabelecer relações de auxílio mútuo científico entre as diferentes escolas novas, centralizar os documentos que lhes respeitam, e valorizar as experiências psicológicas feitas nesses laboratórios da Pedagogia do futuro” (Gerard Boon – Le Foyer des Orphelins, *apud* Adolfo LIMA, *op. cit.*, p. 277), o Bureau International des École Nouvelles foi anexado ao Instituto Jean-Jacques Rousseau em 01 de janeiro de 1923. Adolpho Ferrière, doutor em Sociologia, era seu diretor.

³ É no mínimo curioso o fato de Adolfo Lima não ter acusado a presença deste 11º traço caracterizador de escolanovismo nas práticas escolares da Escola Oficina, posto ter sido seu irmão, António Lima, um dos professores mais conhecidos e bem-conceituados dessa escola, autor, inclusive, de inúmeros artigos sobre ensino de Ciências, publicados em várias revistas pedagógicas editadas em Lisboa, como *Educação Social*, por exemplo. Mais curioso ainda, é o fato de se ter “especialização” sem “cultura geral”, uma vez que a primeira é aqui tomada como uma espécie de “desdobramento natural” da segunda.

A maioria das escolas novas era constituída por monarquias constitucionais, embora o sistema democrático integral estivesse (ou devesse estar) no horizonte de todas elas. Os alunos procediam à eleição dos seus chefes ou prefeitos (22º traço), que possuíam responsabilidade social definida. Em seus comentários, Adolfo Lima observa que, “nas suas atividades cotidianas, as crianças preferem ser dirigidas por estes chefes, (...) que por adultos” (p. 281). As responsabilidades assumidas pelos chefes deveriam ser tomadas como uma “alta escola de civismo” (p. 281). Os cargos sociais (23º traço) deveriam permitir, por sua vez, a realização de um auxílio mútuo efetivo entre os alunos, pois seriam “confiados por escala a todos os pequenos cidadãos” (p. 281).

As recompensas e sanções positivas (24º traço) são práticas que, segundo Adolfo Lima, fizeram-se presentes na Escola Oficina N.º 1 de Lisboa. Mas, as punições ou sanções negativas (25º traço), não. Estas últimas deveriam estar diretamente correlacionadas à falta cometida. Deveriam “pôr a criança em condições, por meios apropriados, de atingir melhor no futuro o fim, julgado bom, que ela atingiu mal, ou não atingiu” (p. 281).

Nas escolas novas, a emulação (26º traço) dar-se-ia, sobretudo, “pela comparação feita pela criança entre o seu trabalho presente e o seu próprio trabalho passado, e não exclusivamente pela comparação do seu trabalho com o dos seus camaradas” (p. 281-282). Tal prática não estimularia a competição entre as crianças, mas a apuração da percepção, em cada uma delas, do seu próprio desenvolvimento, intelectual, físico e moral.

A escola nova deveria ser um “meio de beleza” (27º traço), como teria escrito Ellen Key⁴. A ordem deveria ser a condição primária, o ponto de partida para a consecução desse fim. “A arte industrial, que se pratica e de que se rodeia, conduz à arte pura, propícia a despertar, nas naturezas de artistas, os mais nobres sentimentos” (p. 282).

Os dois últimos traços característicos da escola nova, também eles ausentes nas práticas escolares da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, dizem respeito à educação da consciência moral (29º traço) e à educação da razão prática (30º traço). A primeira delas, dirigida principalmente para as crianças, deveria ser trabalhada a partir de narrações indutoras de reações “espontâneas” nas crianças, de “verdadeiros” juízos de valor que, repetindo-se e acentuando-se, acabariam por produzir identidades individuais e sociais (p. 282). “Leituras da tarde”! Essa era a denominação atribuída a tal prática escolar, muito comum, segundo Adolfo Lima, nas escolas novas de então. A educação da razão prática, por sua vez, encontrava-se voltada preferencialmente para os adolescentes e consistia em

⁴ Escritora de nacionalidade sueca e autora do livro “Siècle de l’enfant”, considerado por muitos um breviário da educação libertária (Cf. **Educação Social**. Lisboa, n.º. 23-24 (1), dez. 1924, p. 441-442).

“reflexões e estudos sobre as leis naturais do progresso mental, individual e social” (p. 282). A maioria das escolas novas observava “uma atitude religiosa não confessional ou interconfessional, que acompanha a tolerância a respeito dos diversos ideais, contanto que encarnem um esforço em vista do crescimento ideológico do homem” (p. 282).

De acordo com os silêncios de Adolfo Lima, a Escola Oficina de Lisboa não apresentava, em síntese, os seguintes princípios (ou traços) característicos de uma escola nova: 1) estar organizada em regime de internato; 2) estar situada no campo; 3) agrupar os alunos em casas separadas (posto não ser um internato); 4) praticar a cultura do corpo, promovendo a ginástica ao ar livre com o corpo ou o torso nu; 5) promover viagens e acampamentos; 6) tomar a cultura geral como resultante da aplicação do método científico; 7) promover trabalho individual de pesquisa; 8) promover trabalho coletivo de pesquisa; 9) circunscrever o ensino, propriamente dito, ao período da manhã; 10) programar o estudo de poucos ramos (ou assuntos) por dia; 11) programar o estudo de poucos ramos (ou assuntos) por mês ou trimestre; 12) promover a eleição dos chefes ou prefeitos dos alunos por eles mesmos; 13) distribuir cargos sociais aos “pequenos cidadãos”; 14) aplicar punições ou sanções negativas; 15) orientar a emulação pela comparação feita pela criança entre o seu trabalho presente e o seu próprio trabalho passado; 16) ser a arte industrial um meio de beleza; 17) exercitar a educação da consciência moral por meio de narrações edificantes; 18) exercitar a educação da razão prática por meio de reflexões e estudos sobre as leis naturais do progresso humano.

Considerações finais

Para o Bureau International des Écoles Nouvelles, as escolas que não realizassem pelo menos a metade dos princípios de uma escola por ele, Bureau, considerada tipicamente nova, não poderiam ser incluídas nessa categoria. De acordo com a análise de Adolfo Lima dos 30 pontos constantes do programa máximo das escolas novas, elaborado e proposto pelo Bureau, a Escola Oficina N° 1 de Lisboa realizava apenas 12 deles. Por essa razão, não poderia ser considerada uma escola nova, consoante às formulações do Bureau, embora tivesse chegado muito perto dessa classificação. Entretanto, parece que os argumentos apresentados por Adolfo Lima, menos que tentar provar ter sido a Escola Oficina N°. 1 de Lisboa uma escola tipicamente “nova”, visavam, principalmente, dar sustentação à tese da existência, em Portugal (antes mesmo da eclosão da primeira grande guerra), tanto do sentimento da necessidade de uma nova Pedagogia, quanto da existência

de uma escola que, em suas práticas cotidianas, expressava, ainda que de forma embrionária, importantes aspectos dessa Pedagogia.

Um outro aspecto a ser considerado diz respeito aos modelos pedagógicos surgidos no período. A julgar pelos indícios até aqui encontrados, principalmente nos artigos de Adolfo Lima e de outros professores da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, pode-se afirmar haver uma maior convergência do que um distanciamento entre os modelos pedagógicos que se desenhavam na Europa no primeiro quartel do século XX, apresentados como alternativos, não ao modelo liberal, mas ao tradicional. A oposição “liberal” e “não-liberal” (anarco-sindicalista, socialista, ou qualquer outra forma política de concepção do social, que se contrapunha à forma “burguesa”) apresenta-se como determinação secundária, neste caso. A concepção de educação, de formação integral do ser humano que emerge na Europa mais claramente após a primeira grande guerra, mas que, antes disso, já vinha sendo ensaiada em vários países, como Suíça, França, Inglaterra e mesmo Portugal, parece ter sido a resultante de um movimento, não de afirmação do “novo”, mas, principalmente, de reação ao “velho”. Ou seja: a escola tradicional passou a ser por todos responsabilizada pelas mazelas que afligiam a humanidade no limiar da modernidade. As seguintes palavras de Adolfo Lima, com as quais encerramos esta comunicação, sustentam essa hipótese:

A Escola Nova nasceu de uma reação contra um sistema de “empazamento verbal”; deseja substituir a Escola Tradicional, muitas vezes ainda uma Escola de palavras, alucinada pela ambição de mobilhar, desde a tenra idade, a memória de conhecimentos tão múltiplos como variados, – por uma Escola educativa, onde se devem aplicar os métodos capazes de formar seres humanos (p. 282).

Referências

- CANDEIAS, António. 1994. **Educar de outra forma: a Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930**. Lisboa : Instituto de Inovação Educacional (Tese de Doutoramento).
- LIMA, Adolfo. 1924. As Escolas Novas. **Educação Social**. Lisboa, n.º. 15-16 (1), p. 277-283.
- NÓVOA, António e BANDEIRA, Filomena. (coord. geral). 2003a. Repertório da imprensa de educação e ensino. In: **A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX)**. Lisboa : Imagens Obrigatórias (versão digital).
- NÓVOA, António e BANDEIRA, Filomena. (coord. geral). 2003b. Dicionário de Educadores Portugueses. In: **A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX)**. Lisboa : Imagens Obrigatórias (versão digital).